



# Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana nº 746 • Sexta-feira, 16 de Setembro de 2005




*mindelact*

## O melhor de África



**Elizio Lopes conquista  
top afro-caribenho**



**José Hopffer  
"Assomada Nocturna"  
um novo Olhar**



**GIL põe Sintra  
em apoteose**



MINDELACT 2005

# O melhor de ÁFRICA

*O pano desce este domingo, 18, sobre a 11ª edição do Festival Internacional de Teatro do Mindelo, por entre fortes aplausos à organização.*

*Por unanimidade das companhias, público e comunicação social nacional e internacional, o Mindelact foi considerado, sem margem para dúvidas, o melhor festival de teatro de África. Resta dizer: Que venha o Mindelact 2006! E mais. E muitos mais, com mais e mais qualidade sempre. Quanto aos aplausos, frisa João Branco, presidente da Associação Mindelact, são frutos do “trabalho incansável e ininterrupto” de uma equipa amadora, “mas que se move pela paixão pelas artes cénicas”.*



FOTO: JOÃO BARBOSA

GRUPO TEATRO CENTRO CULTURAL DO MINDELO

Elliot Alex, da Oficina de Teatro Galagalazul (Moçambique), que no dia 12 apresentou e cativou o público com a sua peça **“Dois perdidos numa noite suja”**, não tem dúvidas de que o Mindelact **“deve continuar”** a sua **“política”** de intercâmbio cultural. **“É maravilhoso conseguir juntar grupos de diferentes países e continentes e estabelecer este intercâmbio cultural que tanta falta faz em África. Se eu morasse mais perto de Cabo Verde viria todos os anos”**, afirma Alex, ele próprio organizador de um festival de te-

atro em Moçambique.

Desse intercâmbio todos saem mais ricos e, simultaneamente, nascem sinergias entre os grupos estrangeiros e nacionais. Cadú Fávero, que participa pelo terceiro ano consecutivo no Mindelact, diz que o seu grupo (Companhia Livre de Teatro, Brasil) já mergulhou tão fundo no espírito do festival cabo-verdiano que **“estamos a estudar a possibilidade de, no próximo ano, João Branco dirigir-nos numa peça baseada num texto de um autor cabo-verdiano, para ser apresen-**

**tado aqui, e no Brasil também”**.

Tanto interesse em estar no Mindelact (organizado este ano em celebração do 30º aniversário da independência nacional) é, segundo Fávero, consequência do **“excelente”** trabalho da organização, que todos os anos programa espectáculos de grande qualidade. Este ano, por exemplo, diz, **“o Mindelact oferece tantas coisas interessantes que gostaria de ter assistido a todos os 15 dias de espectáculos”**.

Dentre tantos, ele destaca a performance do Grupo de Teatro do Centro Cultural

Português do Mindelo (Auto da Compadecida, adaptação da peça do brasileiro Adriano Assassuna) e dos moçambicanos da Oficina de Teatro Galagalazul (Dois perdidos numa noite suja). No entanto, o maior elogio vai para a peça que inaugurou esta 11ª edição do Mindelact - **“Saudades em terras d’Água”** - dos franceses Dos à Deux. **“Uma peça exemplar, melhor é impossível”**, diz Fávero. Aliás, o grupo gaulês (constituído por André Curti e Arthur Ribeiro) deixou o público e os actores na plateia completamente extasiados com a sua magnífica performance gestual.

## PRÉMIO COPACABANA

O Dos à Deux, premiado este ano no maior festival de teatro do mundo, Avignon (França), já nos habituou desde 2003 (ano da sua estreia no Mindelact) a esta explosão de talento no palco. E voltou a explodir em cena no ano passado com **“Aux Pieds de la lettre”**, peça com que conquistou o Prémio Copacabana, galardão patrocinado pela empresa Tecnici e que é atribuído, pela primeira vez, com o intuito de distinguir pela qualidade artística, originalidade estética e aclamação do público, o melhor grupo ou espectáculo da última edição deste nosso festival teatral.

Este prémio é, de acordo com João Branco, uma prova de que o Mindelact também começa a seduzir os mecenas. Mas muito mais as empresas podem fazer. De acordo com Elliot Alex, da Galagalazul, **“o Mindelact merece todo o apoio pela grande qualidade que apresenta”**. Por isso, o moçambicano deixa um apelo: **“Ajudem. Com o pouco que podem dar, João Branco e a sua equipa conseguirão fazer muito mais e melhor”**.

## BENTO OLIVEIRA: UM CENÓGRAFO CRIOULO

Mas, se Dos à Deux arrecadou um prémio oficial, o cabo-verdiano Bento Oliveira foi aclamado pelo excelente trabalho de cenografia da peça **“O Auto da Compadecida”**. Jovem formado no Brasil, Bento Oliveira concebeu um cenário crioulo, nas cores e nos materiais usados:



## KRIOLIDADI

escadas e carroça feitas de pau e fios de carrapato, lanternas de palha e peixe-porco-espinho, pano de fundo de cena feito com tecido tingido e remendado à mão.

A obra-prima deste educador de arte santantonense, de 31 anos, que viveu em Piauí e Pará (nordeste do Brasil) é, no entanto, o figurino e a coroa da Compadecida. Um vestido azul, sobreposto por tule branco, ornamentado com um desenho de uma árvore, a simbolizar a colheita e a vida. E a coroa criada a partir de espetos de coco e três podogós. Provas mais do que suficientes de que, com o pouco que a nossa terra dá, também podemos contribuir para um melhor teatro. Basta ser criativo.

### O QUE AINDA PODE VER

Para quem ainda não teve oportunidade de alcançar a concorrida bilheteira do Mindelact, ainda restam três hipóteses de ver um grande espectáculo. Hoje, 16, pode assistir a **"Visto pa Itália"**, pelo grupo Estrelas do Sul, da ilha do Sal. Uma peça que mostra como o sonho de conseguir o visto que permite tentar a sorte na terra-longe pode transformar-se num drama. Amanhã, 17, entra em cena a única companhia portuguesa presente nesta 11ª edição do Mindelact, a ESTE. **"Mãe Preta"** retrata a vida de uma mãe que, na precariedade, procura arranjar dinheiro para alimentar o filho. A honra de encerrar o Mindelact 2005 no domingo, 18, cabe à

Companhia Solaris, de São Vicente. Criada na sequência do 9º curso de teatro do CCP-ICA do Mindelo, o grupo cometerá a ousadia de interpretar o **"Sonho de uma noite de Verão"**, peça do consagrado William Shakespeare, em crioulo.

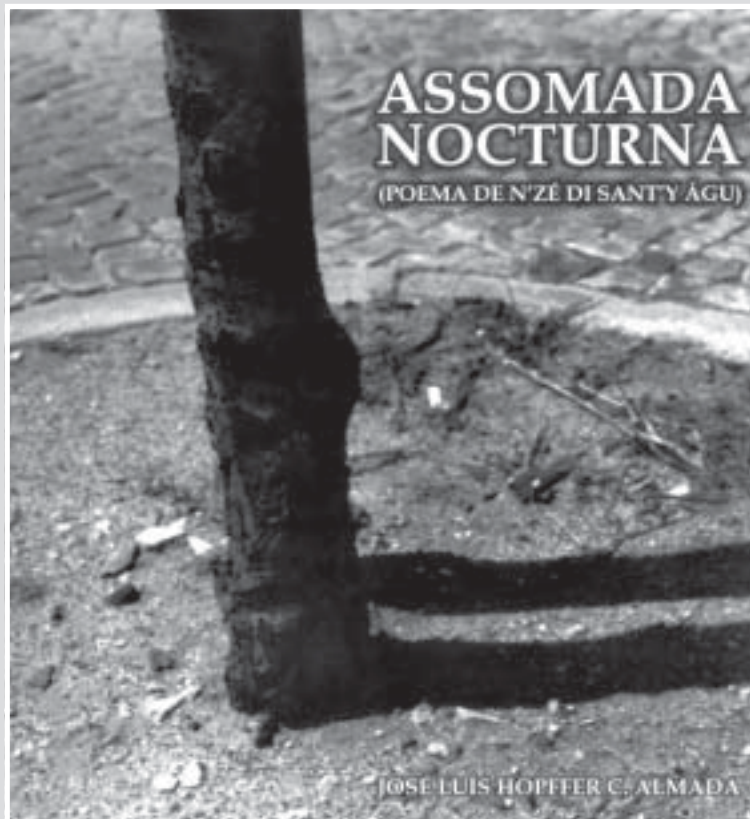
### FORMAÇÃO

Mas, ainda hoje, 16, há o Festival off, a actuação da Nova Casa, grupo teatral do Rabil, Boa Vista. Carlos Mendes, presidente da companhia, afirma que **"estar no Mindelact é muito importante porque abre os nossos horizontes. E ganhamos experiência fazendo e vendo espectáculos, recebendo formação..."** Assim, nesta que é a sua terceira participação no Mindelact, os elementos da Nova Casa passaram por um **"cursinho"** de manipulação de objectos e sobre o uso da máscara na representação de uma história.

Ganhos que, acrescentados aos obtidos em anos anteriores (expressão corporal, interpretação e encenação) se traduzem em melhores performances na ilha das Dunas. Tanto mais que, de acordo com Carlos Mendes, **"Nova Casa faz espectáculos em todas as regiões da Boa Vista"**. O único problema, diz, **"é a falta de uma boa sala. Geralmente actuamos ao ar livre (ruas, polivalentes e cinema aberto) e em escolas que não oferecem boas condições de iluminação e sonorização. Por isso, vamos improvisando"**.

E como experiência puxa experiência, e teatro puxa teatro, grupos e mais grupos do arquipélago vão passando pelo Mindelact, fazendo renascer a esperança de que o futuro nos reserva um Cabo Verde não só de música como de teatro. Muito teatro. Teatro para revivificar as ânsias de cultura. Para revivificar a vida.

Teresa Sofia Fortes



## "Assomada Nocturna": um novo olhar

Doze anos depois da primeira edição, o livro **"Assomada Nocturna (Poema de N'Zé di Sant'y Águ)"** volta a ser levado à estampa. Da autoria de José Luís Hopffer Almada, o longo poema que dá corpo à obra é reeditado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, Portugal, no âmbito da colecção Cadernos da Lusofonia. **"Assomada Nocturna"** será lançado na Casa da Morna, em Lisboa, no próximo dia 21, tendo certamente como ponto de discussão a continuidade e a novidade, ou não, desta edição face à anterior.

A dúvida coloca-se logo no início, no prefácio de Inocência Mata: É ou não o mesmo livro editado pela primeira vez em 1993? **"Sim"**, responde, no que se refere ao objecto do sujeito poético. **"Não"**, contrapõe, no que toca ao próprio sujeito poético, cuja **"voz rememorativa"** e olhar se deslocaram, transformaram durante os últimos anos.

**"Não"**, também na forma. Porque enquanto a primeira edição se alimentava de trinta e dois segmentos, a obra que será agora lançada engordou - inevitabilidade do tempo -, e ganhou coesão, incorporando agora, num único e longo poema, oitenta e nove segmentos.

Este que é, então, o mesmo livro sem o ser evoca as vivências do autor em terras de Assomada, Santa Catarina. Com este lembrar surgem as personagens que, de uma forma mais ou menos visível, habitam lá no passado, algumas talvez persistam ainda no presente. Mas são as memórias, ou o presente que nelas se projecta, que movem a intensidade poética de **"Assomada Nocturna"**. Porque como diz o próprio autor, numa entrevista a Danny Spínola, **"o que conta é a árvore da minha infância, onde continuo e sempre"**.

Para Maria Armandina Maia, a quem coube a tarefa de escrever o posfácio, esta **"nova Assomada Nocturna"** revela uma **"aguda maturidade"**, fruto desse omnipresente e inevitável factor **"tempo"** que apurou também o olhar do autor sobre as múltiplas inter-relações entre si, os outros - os anónimos e os **"meninos com quem cresci"** - e essa terra cuja força telúrica marca toda a obra. É, pois, um **"olhar adulto"** que refaz estes poemas, muitos deles escritos na sua versão original nos anos 80, quando o autor vivia em Leipzig, na Alemanha.

De realçar ainda nesta obra, cuja capa é dominada por uma fotografia a preto-e-branco do pé de um tronco, da autoria do Mito, a preocupação de Hopffer Almada com o seu heterónimo. Antes Zé di Sant'y Águ, o poeta chama-se agora, veja-se a indelével alteração, N'Zé di Sant'y Águ, o que para Inocência Mata representa, nada mais que a criouliização do nome, num reafirmar de identidade.

Identidade crioula que é mundo. Talvez por isso, esta edição de quinhentos exemplares vá ser lançada na Casa da Morna, em Lisboa, já na próxima quarta-feira. À apresentação de **"Assomada Nocturna"**, que está a cargo de Alberto Carvalho e Elsa Rodrigues dos Santos, segue-se ainda um recital de poesia e música. Entretanto, em pano de fundo desta cerimónia oficial, estará certamente o eco da memória, esse elemento que, nas palavras de Maria Armandina Maia, **"se cumpre neste texto de forma magistral"**. PMC

literatura

FOTO: JOÃO BARBOSA



GRUPO TEATRO CENTRO CULTURAL DO MINDELO